

CRUZ E SOUSA, João da; VARZEA, Virgílio. *Tropos e Fantasias*. [1885] Edição fac-similar. Florianópolis: FCC, 1990.

O PADRE

A JOÃO LOPES

Um padre escravocrata!... Horror!

Um padre, o apóstolo da igreja, que deveria ser o arrimo dos que sóffrem, o sacrario da bondade, o amparo da innocencia, o athleta civilizador da cruz, a cornucópia do amor, das bênçãos immaculadas, o reflexo do Christo...

Um padre que communga, que bate nos peitos, religiosamente, authomaticamente, que se confessa, que jejua, que resa o — *Orate fraters*, que préga os preceitos evangelicos, bradando aos que caem *surge et ambula*.

Um escravocrata de... batina e breviario... horror!...

Fazer da igreja uma senzala, dos dogmas sacros leis de impiedade, da estóla um vergalho, do missal um prostibulo...

Um padre, amancebado com a tréva, de espingarda à tiracollo como um pirata negreiro, de navalha em punho, como um garôto, para assassinar a consciencia.

Um cannibal que péga nos instinctos e atira-os á valla commum da noite da matéria onde se revolvem as larvas esverdeadas e vitreas da podridão moral.

Um padre que benze-se e réza, instante a instante, que gagueja á frente do cadaver o aphorismo de Horacio — *Hodie mihi cras tibi*.

Um padre que deixando explosir todas as interjeições da ira, estigmatiza a abolição.

Ella hade fazer-se, máo grado os exorcismos crús dos padres escravocratas; depende de um esforço moral e os esforços moraes, são, quasi sempre, para a alta philosophio, — mais do que os exforços phisicos — o fio conductor da restauração politica de um paiz!...

O interesse egoistico de um individuo, não póde prevalecer sobre o interesse collectivo de uma nação, disse-o um moço de alevantado talento, Artur Rocha.

Não é com a emphase dogmatica do didactismo ou com a phraseologia technologica dos cinzelados folhetins de Theophilo Gautier que o trabalho da abolição se fará.

Mas com a palavra educada, vibrante — essa palavra que fulmina — profunda, nova, salutar como as theorias de Darwin.

Com a palavra inflammavel, com a palavra que é raio e dinamite, como o éra na bocca de Gambetta, a maior concretisação do estupendo — depois do sol.

A palavra que ri... de indignação; um riso convulso... de reprobato, funambulesco... de jogral.

Um riso que atravessa seculos como o de Voltaire.

Um riso aberto, franco, eloquentemente sinistro.

O riso das trévas, na noite do calvario.

O riso de um inferno... dantêsco.

Ouves, padre?...

Comprehendes, sacerdote?...

Entendes, apóstolo?...

Então para que empunhas o chicóte e váes vibrando, vibrando, sem compaixão, sem amor, sem te lembrares d'quelle olhar doce e afflictivo que tinha sobre a cruz, o filho de Maria?...

O filho de Maria, sabes?!...

Aquelle revolucionario do bem e aquelle cordeiro manso, manso como um ósculo da alvorada nas grimpas da montanha, como o luar a se esbater n'um lago diamantino...

Lembras-te?!...

E'ra tão triste aquillo...

Não éra padre, ó padre?!...

Não havia n'aquella suprêma angustia, n'aquella dôr cruciante, n'quella agonia espedaçadora, as mesmas contorsões de uma cólica nefrética, os mesmos arrancos infôrmes de um escravo?...

Não comprehendes que se açoitares um misero que fôr pae, uma desgraçada que fôr mãe, as boccas dos filhinhos, d'quellas criancinhas negras, synthetizando o remorso, o aguilhão da tua consciencia, se abrirão n'uns gritos desoladores que, como uns bistouris envenenados, trespassar-te-hão as carnes?...

Não comprehendes que de seus olhos, acostumados á paralisarem-se ante o terror, irromperão as lagrimas, esse liquido precioso das alminhas innocentes?!...!

Pois tu, nunca choraste?!...

Nunca sentiste os engasgos de um soluço saltarem-te pela garganta, quando te lembras de trocar as tuas magnificas *conquistas*, os teus manjares especiaes, os teos licores dulçurosissimos pela noite escura, muito escura, onde grasnam surdamente as aves da treva, onde Dante se accentúa no *Lasciate ogni speranza*, onde os espiritos vis desaparecem e os Homeros e Camões e Virgílios surgem e se levantam pelo braço herculeo da posteridade, pelo folego intérrmino e secular da História?

Nunca?!...

Sim, tu estás commigo, padre!...

Estás!...

E's bondoso, eu sei, tens a alma tão serena e tão lucida como uma imagem de N. S. da Conceição.

Eu sei disso!...

Olha, quando morreres — se é que morres — irás de palmito e capella, na mudez dos justos e as virgens timidas e chloroticas, entoando grave *De profundis*, murmurarão lacrimosas:

— Coitado, foi o pae carinhoso das donzellas...

Requiescat in pace!...

Que bonito será, não!...

E depois o céu!

Sim, porque tu irás para o céu!

Não crês no céu, padre?

Pois crê, esses philologos mentem, têm principios erroneos e tu, padre, és um sábio...

Tu és bom...

Porém... por Deos, como é que vendes à Christo como um kilo de carne verde no mercado?!...

Ah! E' verdade, és muito pobre, andas com os sapatos rôtos, não tens que comer e... és muito caridoso...

Mas, escuta, vem cá: —

Eu tenho tambem minhas phantasias; gosto de sonhar ás vezes com o azul.

O Azul!...

Deslumbro-me quando o sol se atufa no oceano, espadanando os raios purpureados, como flechas de fogo, pela enormidade côncava do espaço; inebrio-me quando a natureza com seu tropicalismo, ergue-se do banho de alvoradas, jorrando nos organismos de ouro o licor olympiaco e santo do ideal, as musicas maviosissimas e puras da inspiração, nos craneos estrellejos!...

Pois façamos uma cousa: —

Eu escrevo um livro de versos que intitularei:

O ABUTRE DE BATINA

puros alexandrinos, todos eguaes, correctos, com os accentos indispensaveis, com aquelle *tic* da *sexta*, — typo elzevir, papel mellado — e offereço-t'ô, dout'ô.

Prescindo dos meus direitos de autor e tu o assignas!...

Com os diabos, has de ter influencia no teu circulo.

Imprimes um milhão de exemplares, vende-os e assim terás das *loiras* para a tua subsistencia, porque tu és pauperrimo, padre, e necessitas mesmo de dinheiro, porque tens familia, muitos afilhados que te pedem a bênção e precisas dar-lhes no dia de teu santo nome um mimo qualquér.

Faz isso, mas... não te mettas com o abolicionismo; é a idéa que se avigóra.

Talvez digas, mastigando o teu latim: — *Primo vivere deinde philosophare*.

Mas é porque tu és myope e os myopes não pôdem encarar o sol...

Mas eu dou-te uns óculos, uns òculos feitos da mais fina pelle dos negros que tu azorragas...

Pôde ser que a influencia animal da matéria excite o espirito e que tu... vêjas.

Póde ser...

Ha cégos de nascença que veem... pelos olhos da alma.

E se tu és padre e se tu és metaphysico... debes ter alma...

Comprehendes?...

Faz-se preciso que desapareçam os Torquemadas, os Arbues, maceradores da carne, como tu, padre.

Em vez de prédicas beatificas, em vez de reverencias hypocritas, proclama antes a insurreição...

Tens dentro de ti, bate-te no peito, nas palpitações da seiva, um coração que eu penso não ser

um musculo ôco.

Vibra-o pois, fibra por fibra, se não queres que os meus dithyrambos e sarcasmos, quentes, inflammados, como brazas, persigam-te eternamente, por toda a parte, no fundo de tua consciencia, como uns outros medonhos Camillos de Zolá; vibra-o se não queres que eu te estoure na cabeça um conto sinistro, negro, a Edgar Poe.

E' tempo de zurzirmos os escravocratas no tronco do direito, á vergastadas de luz...

Sejam-te as virtudes theologaes, padre, — a liberdade, a igualdade e a fraternidade — maravilhosa trilogia do amôr.

Unge-te nas claridões modernas e expansivas dessas tres veias — artérias da verdadeira Philosophia Universal.